

# CARMEN DA SILVA: JORNALISTA, ESCRITORA E FEMINISTA

*Thaís Velloso<sup>1</sup>*

**Resumo:** Com o objetivo de analisar brevemente a produção de Carmen da Silva na imprensa brasileira, este trabalho explora a atuação profissional da referida jornalista e escritora, tendo como foco o caráter feminista de seus textos. Para isso, foram abordados os estudos de Sylvia Paixão, sobre o espaço da mulher nos jornais brasileiros; de Ana Rita Fonteles Duarte, a respeito da trajetória de Carmen da Silva; de Constância Lima Duarte, sobre publicações na imprensa feminina; e de Beatriz Sarlo, acerca de memória e subjetividade. Assim, ressalta-se a relevância de Carmen da Silva como feminista no cenário do país, considerando a relação de seus escritos com as temáticas da memória e da subjetividade, que são corroboradas pelo teor crítico ao patriarcalismo e pela experiência de ter acompanhado o autoritarismo de um governo argentino.

**Palavras-chave:** Literatura; Jornalismo; Crônica; Feminismo.

## Introdução

O presente trabalho dedica-se a uma breve análise da produção escrita de Carmen da Silva na imprensa brasileira, a fim de verificar sua importância como feminista no cenário do país, tendo em vista que seus textos refletem questões relacionadas à memória e à subjetividade. Nesse sentido, serão exploradas sua visão crítica da sociedade patriarcal e sua formação política após acompanhar o autoritarismo de um governo argentino.

Inicialmente, abordaremos o espaço da mulher na imprensa brasileira, com o objetivo de perceber a exclusão e, posteriormente, as limitações da atuação feminina em periódicos e/ou revistas. Para isso, recorreremos aos estudos de Sylvia Paixão, que trata do tema da pouca visibilidade atribuída à mulher nesse cenário, e de Constância Lima Duarte, que destaca o apagamento imposto às mulheres em razão de uma sociedade patriarcal.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: thaïsvelloso@gmail.com.

Depois dessa contextualização, a obra *Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira*, resultado da dissertação de mestrado da jornalista e pesquisadora Ana Rita Fonteles Duarte, servirá como base para discorrermos sobre a trajetória de Carmen da Silva antes de chegar à revista *Claudia* e durante sua experiência nessa revista, com a finalidade de acompanharmos sua atuação jornalística no Brasil. Além disso, o trabalho de Beatriz Sarlo auxiliará a entendermos como a memória e a “guinada subjetiva” são importantes instrumentos para a tomada de consciência de Carmen da Silva e, conseqüentemente, para sua escrita.

Por fim, analisaremos o texto “Abracadabra!”, publicado por Carmen da Silva no jornal *Mulherio*, à luz dos estudos já mencionados, com o propósito de mostrar como suas publicações são comprometidas com o feminismo e também com o objetivo de atestar como suas experiências ao longo da vida contribuíram para a formação de uma mulher consciente, indignada e disposta a cooperar na luta por mudanças sociais.

## **1 As mulheres na imprensa brasileira**

Em seu ensaio “Clarice Lispector e Marina Colasanti: mulheres no jornal” (1995), Sylvia Paixão (1995) comenta o notável afastamento das mulheres da vida pública e, conseqüentemente, dos periódicos, principalmente na primeira metade do século XIX. Esse cenário foi aos poucos sendo modificado, acompanhando as lutas feministas – a exemplo da luta pelo direito das mulheres ao sufrágio, conquistado apenas em 1932 –, com o surgimento dos jornais femininos e, posteriormente, com a maior inserção da mulher na imprensa em geral, e não só na especificamente feminina.

A respeito disso, salienta a autora:

Falar da mulher jornalista é rever a sua história como uma voz ausente do espaço público até meados do século XIX, quando se alfabetizam e começam a surgir os primeiros periódicos femininos, retratando a mulher burguesa, educada, urbana e suas aspirações. Tendo por finalidade a educação, os jornais dirigidos por mulheres ensinavam preceitos de higiene, decoração, mas também abriam espaço às suas manifestações intelectuais. A imprensa feminina publica contos, poemas e crônicas, aceitando a colaboração vinda de todas as partes do país, muitas vezes assinada sob o pseudônimo. (Paixão, 1995, p. 99).

Nesse sentido, importa registrar que em 1852 começa a ser publicado o *Jornal das Senhoras*, considerado o primeiro periódico feminino, com circulação de 1852 a 1855. É apenas anos mais tarde, no entanto, que as mulheres encontrarão maior espaço na imprensa brasileira, sem precisarem estar relegadas a um jornal só delas – condição que, de certa forma, marcava certa exclusão, uma vez que outros jornais eram constituídos por autores homens.

Cabe salientar que, após o *Jornal das Senhoras*, outros periódicos continuam sendo fundados, a exemplo de *O Bello Sexo* (1862), *Jornal das Damas* (1862), *O Sexo Feminino* (1873), *Echo das Damas* (1879), *O Direito das Damas* (1882). Os próprios títulos sugestivos, como comenta Sylvia Paixão, “mostram o quanto a mulher estava afastada do espaço público, restrita aos domínios do privado” (1995, p. 99).

Diante desse contexto, quando obtiveram algum espaço na imprensa, as mulheres, ainda assim, possuíam uma restrição observada nos próprios títulos dos jornais, o que revela que aquelas páginas seriam de interesse apenas, ou sobretudo, do gênero feminino, fato que contribuía para uma segregação do público. Nesse aspecto, ainda que o pioneirismo das autoras seja indiscutivelmente fundamental – por possibilitar a expansão literária das escritoras e a atuação das mulheres no âmbito sociopolítico –, essa categoria jornalística também contribuía para manter ou propagar ainda mais o estereótipo relacionado ao significado de “feminino”.

Assim, coexistiam periódicos que reforçavam tal estereótipo, maneira mais eficaz de fortalecer o senso comum, e aqueles que enveredavam pela defesa em favor dos direitos das mulheres:

Os periódicos vão refletir – portanto – a dicotomia vigente: alguns se empenham em acompanhar a transformação dos tempos e defendem que as mulheres devem ser respeitadas, ter direito de frequentar as escolas e o espaço público. Já outros reiteram sua fragilidade e delicadeza, a especificidade dos papéis sociais, e se limitam a falar de moda e criança. Ocorria muitas vezes, inclusive, de propostas antagônicas se misturarem no mesmo periódico, e artigos investidos de tom progressista ficarem próximos de outros com ideias contrárias. (Duarte, 2017, p. 25)

Referente a esse cenário, é curioso, embora não surpreendente, que em geral, ao pensarem em mulheres cronistas, muitos se lembrem de nomes como Clarice Lispector e Rachel de Queiroz, que produziram apenas no século XX, como se as cronistas anteriores tivessem passado por um processo de apagamento; como se não tivessem publicado suas crônicas – poucos recordam ou têm conhecimento delas, afinal.

Sobre isso, cabe o registro de que anteriormente, no século XIX, destacam-se cronistas como Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), que começou a publicar em 1830 no *Espelho das Brasileiras*; Carmen Dolores (1852-1910), uma das cronistas mais bem pagas d’*O País*, conforme salienta Maria do Rosário Alves Pereira em seu artigo “A crônica feminina brasileira no século XIX”; Narcisa Amália de Campos (1852-1924), que colaborou para diversos jornais brasileiros a partir de 1870; e Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), que escreveu, entre outros, no periódico *Gazeta de Notícias*.

Na recente publicação de três volumes que reúnem artigos de diferentes pesquisadores sobre o tema jornalismo e literatura, intitulada *Imprensa, história e literatura: o jornalista-escritor*, há mais de cinquenta artigos e apenas dois deles abordam mulheres que atuaram na imprensa, a saber: Clarice Lispector e Rachel de

Queiroz. O texto “Clarice Lispector: jornalista-escritora ou escritora-jornalista?”, do volume 3, dedica-se à primeira, enquanto à segunda é dedicado o texto “História de um nome: um estudo sobre Rachel de Queiroz jornalista”, do volume 2. Quanto ao primeiro volume, referente ao século XIX, nenhuma mulher é lembrada. Porém, vários são os homens de imprensa abordados na coleção: Olavo Bilac, Aluísio Azevedo, Alberto Figueiredo Pimentel, Álvaro Moreyra, Oswald de Andrade, Jorge Amado, Antonio Callado, Gustavo Corção, Milton Hatoum, entre tantos outros.

Ao discorrer sobre a poesia de autoria feminina, Ana Cristina Cesar comenta um fenômeno parecido em seu ensaio de 1979 “Literatura e mulher: essa palavra de luxo”, disponível no livro *Ana Cristina Cesar: crítica e tradução*:

Não adianta, as mulheres escritoras são raras e o fato de serem mulheres conta. Mulher sempre engrossou demais o público de literatura, mas raramente os quadros dos produtores literários. No Brasil, então, as escritoras mulheres se contam nos dedos e quando se pensa em poesia Cecília Meireles é o primeiro nome que ocorre. E, exatamente por ser o primeiro, ela como que define o lugar onde a mulher começa a se localizar em poesia. (Cesar, 1999, p. 247)

No mesmo texto, analisando o referido cenário, Ana Cristina Cesar sentencia: “O que interessa é que Cecília, e Henriqueta atrás, acabaram definindo a ‘poesia de mulher’ no Brasil. E nessa água embarcaram as outras mulheres que surgiram depois” (Cesar, 1979, p. 247). Com base nessa mesma perspectiva, fica o questionamento: quem define a “crônica de mulher” no Brasil? Quem define o lugar onde a mulher começa a se localizar em crônica?

Se a pergunta fosse “quem define a crônica no Brasil?”, certamente Rubem Braga seria lembrado. Como apontou Antonio Candido, “foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil”, e também “nos anos 30 [...] apareceu aquele que de certo modo seria o cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga” (Candido, 1992, p. 17). Nas palavras de Afrânio Coutinho, em texto publicado em 30/12/1990 no *Jornal do Comércio*,

com Rubem Braga ocorreu um fato singular. Ele foi o único escritor brasileiro dos maiores que entrou para a história literária exclusivamente como cronista. Extraordinário escritor, extraordinário cronista. [...] E tornou um gênero um grande gênero, que muito honra a nossa literatura como um gênero rico. [...] Rubem deu força ao gênero, tornou-o da mais alta dignidade literária. (Coutinho, 1990, s.p)

Dessa forma, percebe-se que o lugar da crônica, legitimado pela crítica literária tradicional, tem referência(s) masculina(s) para defini-lo. Ainda que fizessem alusão a cronistas anteriores, respeitando uma ordem cronológica, seriam citados Machado de Assis, João do Rio, entre outros. Por isso, não é difícil visualizar que o espaço para a autoria feminina no gênero ainda se encontra limitado.

Esse descaso com as cronistas ratifica a ideia de “memoricídio” a que alude o livro *Memorial do memoricídio*, organizado por Constância Lima Duarte, que reúne estudos sobre mulheres que ficaram esquecidas e à margem da história, apesar de terem sido fundamentais nas artes, na literatura, na política e na sociedade em geral. Como maneira de combater tal “memoricídio”, sobretudo em um gênero – a crônica – que por si só já conta também com maior negligência por parte da crítica, o resgate de cronistas mulheres é fundamental.

Heloísa Buarque de Hollanda comenta que, de meados do século XIX até a primeira década do século XX, “no rastro dos movimentos feministas e das campanhas republicanas” (1990, p. 19), a imprensa comandada por mulheres, responsáveis por sua direção e edição, foi fundamental para propagação da voz feminina em sociedade. Registra-se ainda que, de acordo com Maria Amélia de Almeida Telles (1993), o país da América Latina que contou com o maior empenho jornalístico no que se refere às lutas feministas foi o Brasil, o que nos dá a dimensão de como o jornal teve papel decisivo no país.

Esse cenário é crucial para as mudanças que passam a acontecer na imprensa no século XX: o aumento e a popularização das revistas, que ganhariam preferência por parte das mulheres, e o surgimento das empresas jornalísticas. Sobre isso, Isabel Lustosa explica o ocorrido no texto “Ser ou não ser jornalista: o fim da era romântica”:

A partir dos avanços tecnológicos da indústria gráfica que permitiram impressão de milhares de cópias em pouco tempo e do progresso dos transportes, as últimas décadas do século XIX assistiram a consolidação das primeiras empresas jornalísticas e a gradativa profissionalização do jornalista. O jovem escritor continua a ver no jornal o trampolim para o sucesso literário, mas agora quer ser remunerado pelo que escreve e se organiza junto com outros jornalistas no sentido de defender os interesses da categoria. (Lustosa, 2021, p. 9)

O século XX acompanhou a importante propagação das revistas femininas, mas ao mesmo tempo foi o período em que as mulheres passaram a atuar na imprensa de modo geral, e não apenas nos periódicos destinados a elas. Conforme aponta Paixão (1995), a criação do “Suplemento Dominical”, em 1956, no *Jornal do Brasil*, é um exemplo desse acontecimento, pois reúne publicações de nomes tanto de homens quanto de mulheres da literatura brasileira, estando entre eles Clarice Lispector.

Contemporânea de Clarice, Carmen da Silva também é um relevante nome da crônica de autoria feminina do século XX. Nascida em 31 de dezembro de 1919 em Rio Grande, viveu quase vinte anos no Uruguai e na Argentina, tendo retornado para o Brasil em 1962. A cronista é um perfeito exemplo da escrita de autoria feminina nas revistas, uma vez que foi contratada para publicar seus textos na revista *Claudia* na década de 1960, em uma seção intitulada “A arte de ser mulher”. Caracterizada por maiores questionamentos em relação aos papéis sociais da

mulher, a década de 1960 passa a contar, na imprensa, com uma jornalista “que trazia proposta nova” em relação aos discursos voltados para a mulher e “que incentivava a independência feminina” (Duarte, 2005, p. 41).

## 2 Carmen da Silva, uma voz fundamental na imprensa

Lembro quando estava no movimento estudantil e coordenei várias palestras de Carmen da Silva, que, nos anos 1960, publicava artigos memoráveis na revista. Tudo começou com Carmen, uma inspiração para a autonomia e independência da mulher. Nossa geração deve muito a ela. (Dilma Rousseff, revista *Claudia*, fev. 2011)<sup>2</sup>

Antes de fazer parte da revista *Claudia*, Carmen da Silva, nascida em 31 de dezembro de 1919 em Rio Grande, viveu quase vinte anos no Uruguai e na Argentina, tendo retornado para o Brasil em 1962. No livro *Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira*, Ana Rita Fonteles Duarte explica que “a vontade de romper com o que se colocava como destino de mulher, aliada à sua situação de órfã, fez Carmen optar pela saída, ou como ela preferiu, ‘a fuga’, para Montevidéu, aos 23 anos” (2005, p. 79).

Dessa maneira, entende-se que a saída do próprio país teve influência, não só mas também, da condição imposta para as mulheres no Brasil, cuja trajetória vinculada à submissão em uma sociedade patriarcal era claramente percebida, e rechaçada, pela jornalista. A ida para o Uruguai era uma tentativa, naquela época, de se livrar de um destino que nada tinha a ver com o que ela projetava para si. Logo, “o Uruguai representava (...) a possibilidade de viver em um país mais democrático (...). Lá, onde ficaria por seis anos, inaugurou a condição de mulher livre. Morava sozinha em um pequeno apartamento (...), sem contar com o apoio da família ou de marido” (Duarte, 2005, p. 79).

Posteriormente, a experiência de doze anos em Buenos Aires foi crucial para sua formação intelectual e política, sobretudo por acompanhar de perto, entre os anos 1951 e 1955, a repressão característica da presidência de Perón. Segundo Duarte (2005), “foi nesse mesmo período que Carmen viveu experiências de sentir-se parte da coletividade social, que aguçou as convicções políticas” (Duarte, 2005, p. 84). Tal consciência coletiva, como também registra a autora de *Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira*, influenciou a escrita de seu primeiro romance, *Setiembre*, vencedor do importante prêmio argentino “Faixa de Ouro”. A partir de então, sua carreira teve maior notabilidade, algo que era por ela almejado desde sempre:

Escrever para Carmen era desejo de infância. (...) Carmen queria ser vista, lida e reconhecida. A convicção a fez trocar pedido de casamento pela busca desse ideal. Sabia que, uma vez casada, veria o sonho distanciar-se.

---

2 Disponível em: <https://carmendasilva.com.br/>. Acesso em: 05 out. 2021.

A trajetória em busca da publicação e o conseqüente reconhecimento de Carmen pela qualidade literária a introduziram em círculos sociais frequentados basicamente por escritores, artistas, poetas e jornalistas. (Duarte, 2005, p. 85)

A vivência na Argentina durou até 1962, de modo que, com a renúncia de Jânio Quadros à presidência do Brasil, em 1961, a escritora passou a se sentir “politicamente marginal” (Duarte, 2005, p. 91) em relação a seu país e decidiu retornar, optando por morar na cidade do Rio de Janeiro. Nesse momento, o cenário social testemunhava algumas transformações, como o aumento, ainda que baixo, do trabalho dito feminino e da escolaridade das mulheres (Duarte, 2005, p. 91).

Foi em 1963 que Carmen conseguiu vaga para escrever na revista *Claudia*, apesar dos empecilhos que o patriarcalismo impunha a mulheres que desejavam obter sucesso profissional:

Carmen da Silva resolveu enviar uma carta se apresentando à chefia de redação de *Claudia*, em 1963. Endereçada ao diretor da revista, Luís Carta, a correspondência manifestava o desejo de escrever sobre a condição da mulher brasileira, mostrando, para as leitoras, a necessidade de se prepararem para assumir novos papéis na sociedade.

O currículo anexado, assim como cópias de artigos, contos e crônicas, publicados por ela na Argentina, tentavam facilitar o acesso à redação. Era pouco frequente a presença de mulheres trabalhando em jornais e revistas, naquele período. Havia ainda discriminação por parte dos donos de algumas empresas e até mesmo entre professores dos primeiros cursos de jornalismo. (Duarte, 2005, p. 36)

Tendo conseguido atingir seu objetivo, passou a publicar na revista em setembro daquele ano, na seção “A arte de ser mulher”, nome que não lhe agradava, como nos lembra Ana Rita Fonteles Duarte, citando a própria Carmen da Silva: “Eu briguei com o nome, porque achava horrorosamente piegas. Era uma coisa reacionária, boba. Mas eles me mandavam uma tribuna, não importava o nome” (Silva *apud* Duarte, 2005, p. 38).

A carta que Carmen envia à direção de *Claudia* já demonstra sua coragem, sua autonomia e independência no que diz respeito não só ao campo profissional, mas também a sua atuação social como mulher: ela não se intimida de se apresentar a uma redação constituída por homens e, mais do que isso, de revelar seu interesse em abordar os novos papéis das mulheres, referentes à modernização e à alteração de alguns comportamentos, embora estes ainda sofressem interferência de uma cultura muito marcada pelo machismo.

Em *A escrita feminista de Carmen da Silva*, comenta-se a relação de Carmen da Silva com o feminismo, construída enquanto trabalhou na revista:

Carmen não chegou feminista à revista *Claudia*, mas acabou se tornando uma militante-referência, através do ofício da escrita e do que este lhe

proporcionou: o contato com mulheres de todas as regiões, faixas etárias e classes sociais. Foi através de pesquisa, observação e experimentação sobre a recepção de seus artigos que ela alcançou repercussão, e se tornou emblemática na história do feminismo brasileiro. (Duarte, 2007, p. 216)

Apesar de talvez ser inadequado afirmar que ela “não chegou feminista à revista *Claudia*” – afinal, desde que decidiu viver fora do país já se preocupava com a condição social das mulheres e se opunha a seguir um padrão imposto a elas –, é certo que toda a experiência adquirida no contato com outras mulheres, possibilitado por seu ofício na revista, aprofundou sua consciência e seu ponto de vista crítico, até porque, recebendo uma grande quantidade de cartas escritas por mulheres para serem respondidas por ela, lidava com subjetividades diferentes e não as ignorava. Ao contrário, criticava o fato de tais subjetividades serem comumente negligenciadas na imprensa em geral: “Esse desdém pela subjetividade decorre da ideia tradicional de que a mulher, sendo objeto, deve calar os sentimentos e limitar-se às atitudes ditadas pelas exigências do homem a fim de conservá-lo” (Silva *apud* Duarte, 2005, p. 41).

Ademais, esse processo de troca com outras mulheres, segundo a própria Carmen, foi fundamental para sua tomada de consciência em relação à questão feminina, uma vez que as mulheres das quais era próxima faziam parte da intelectualidade argentina: “Achava que as mulheres normais eram aquelas, que as outras não tinham chegado a esse padrão por vontade própria ou por preguiça” (Silva *apud* Duarte, 2005, p. 87).

Nesse sentido, entendemos que a memória e a subjetividade são essenciais na formação e na atuação de Carmen na imprensa. Isso porque tanto a experiência de presenciar o autoritarismo na Argentina quanto a busca pela análise psicológica – longe das amarras das “receitas prontas” – na resposta às mulheres que lhe enviavam cartas com problemas particulares em busca de alguma elucidação fazem com que a jornalista valorize o passado e a alteridade como elementos fundamentais em seu compromisso profissional e social.

## **2.1 A memória e a guinada subjetiva de Carmen da Silva**

As marcas do governo argentino são lembradas por Carmen da Silva pelo fato de ela, à época, sentir estranhamento em relação àquele contexto político: “Não estava habituada a ter medo, a cochichar e olhar em torno, a suspender as conversas quando aparecia alguém (...), a calar comentários, a fugir das multidões (...), a fingir que não era comigo quando testemunhava cenas de violência ou arbítrio nas ruas” (Silva *apud* Duarte, 2005, p. 84). Como registra, acompanhar a luta contra esse regime foi o que lhe proporcionou uma “consciência coletiva”, o que a inspiraria a produzir seu primeiro romance, *Fuga em setembro*:

Eu passava por um período meio depressivo, problemas pessoais, fase analítica difícil e aquilo foi uma tremenda e fecunda sacudida, tirando meu euzinho de seu nicho de absoluta importância e feroz singularidade: meu primeiro vislumbre de consciência coletiva, o sentimento de ser plural. Dezesseis de setembro ficou trabalhando-me a cabeça, como uma data decisiva, um marco. (Silva *apud* Duarte, 2005, p. 84)

No que se refere à subjetividade, ligada à tomada de consciência aqui já citada, é nítido que Carmen se comprometia com as particularidades emocionais de cada mulher que lhe escrevia. Na revista *Claudia*, “observou de perto a realidade e constatou o comportamento passivo das mulheres brasileiras de classe média que lhe escreviam” (Duarte, 2005, p. 43). Sua grande projeção nesse trabalho foi possível porque

ao invés de fornecer receitas prontas de felicidade às leitoras, Carmen optou por questionar os problemas e conflitos vividos pelas mulheres. Não tinha uma preocupação em trazer alívio imediato, mas queria, através de suas intervenções, reconstruir os ideais de mulher presentes na sociedade, desconstruindo convicções enraizadas e questionando as atitudes mais típicas do gênero feminino. (Duarte, 2005, p. 43)

Considerando essas transformações em sua vida, possibilitadas pelas experiências comentadas, a formação de Carmen da Silva e seus propósitos profissionais – comprometidos com o papel social das mulheres e sua modernização – possuem relação com a concepção de “guinada subjetiva” discorrida por Beatriz Sarlo em *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*.

Para a autora, a “guinada subjetiva” se refere a uma compreensão do passado que movimentou a história por meio da atitude de nos colocarmos “na perspectiva de um sujeito” e reconhecermos “que a subjetividade tem um lugar” (Sarlo, 2007, p. 18). Carmen da Silva se alinha a essa concepção ao escrever sua autobiografia, que é quando lida ainda mais com sua subjetividade; ao produzir contos, crônicas e artigos; e ao responder às muitas cartas que recebe, momento em que considera, ao mesmo tempo, as subjetividades de outras mulheres.

Além disso, Beatriz Sarlo salienta que

A memória foi o dever da Argentina posterior à ditadura militar e o é na maioria dos países da América Latina. O testemunho possibilitou a condenação do terrorismo de Estado; a ideia do “nunca mais” se sustenta no fato de que sabemos a que nos referimos quando desejamos que isso não se repita. Como instrumento jurídico e como modo de reconstrução do passado, ali onde outras fontes foram destruídas pelos responsáveis, os atos de memória foram uma peça central da transição democrática, apoiados às vezes pelo Estado e, de forma permanente, pelas organizações da sociedade. Nenhuma condenação teria sido possível se esses atos de memória, manifestados nos relatos de testemunhas e vítimas, não tivessem ocorrido (Sarlo, 2007, p. 20).

Ainda que os relatos de Carmen da Silva estejam ambientados antes do período ditatorial argentino, referem-se a um período também de autoritarismo, cuja repressão e cujo comportamento social impactaram de alguma forma a vida da jornalista, sendo peças-chave para a transformação de sua visão de mundo e, conseqüentemente, para a alteração de seu posicionamento político:

A descoberta paulatina da condição feminina, feita a partir do plano individual para chegar ao coletivo, aconteceu no mesmo passo da transformação política e aproximação de Carmen com os problemas sociais. A “liberal convicta” dava lugar à mulher de esquerda. (Duarte, 2005, p. 89)

Sabemos que Beatriz Sarlo aborda em seu livro a questão do testemunho com foco nos relatos daqueles que sofreram duras conseqüências dos regimes repressivos, mas a discussão engendrada em *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* pode, de algum modo, se relacionar com a vivência de Carmen da Silva, seja pelo registro do que sentiu no governo autoritário argentino de Perón e como isso influenciou seu modo de pensar, seja pela “guinada subjetiva” impulsionada pela inovação nos escritos em revista, recusando-se a dar continuidade a um padrão de interação com mulheres que ignorava suas subjetividades.

## 3 O texto feminista de Carmen da Silva

Figura 1: Texto no jornal *Mulherio*, em 1981<sup>3</sup>

**MULHERIO**

# Abracadabra!

Carmen da Silva

Meu nome é Carmen da Silva, mas podem me chamar de Nossa Senhora dos Milagres. Não que eu os faça ou que acredite neles. Aliás, depois do "milagre brasileiro", tenho até raiva. Mas há muita gente que acredita, precisa de milagres, e, num aperto, vem reclamar de mim artes de milagreira.

Refiro-me a um bom número de mulheres que espera maravilhas de meu abraçadabra. "Aguardo com ansiedade uma palavra sua que mudará minha vida", elas me escrevem. "Só a senhora pode me tirar desse drama", "Um conselho seu poderá resolver minha situação". "Por favor, ajude-me, a senhora é minha última esperança". São frases textuais de cartas que recebo através da revista *Cláudia*, onde mantenho há 18 anos uma coluna de orientação psicossocial, com as óbvias limitações de um serviço dessa natureza.

Mas, limites, barreiras, restrições e impossibilidades são coisas que o mulherio já teve até demais. Na medida em que me consideram aliada, esperam de mim algo mais, diferente, melhor: o conselho-panacéia, o remédio mágico, o golpe da varinha de condão que faz o ruim virar bom.

### ISSO E AQUILO

Essa correspondência tem características interessantes. Muitas leitoras, por exemplo, não confiam na palavra escrita e desejam o contato direto, a aproximação pessoal: "Um encontro com a senhora seria a minha salvação". "Tenho certeza de que se pudesse falar uma ou duas horas com a senhora, meus problemas se resolveriam". Quase como se abrigasse a esperança de receber passes, fluidos, exorcismos, imposição das mãos.

Outras, pelo contrário, acham que *minhas* palavras escritas seriam muito mais eficazes que *seus* próprios argumentos, no sentido de convencer — e converter — um marido indiferente, infiel, irresponsável, grosseiro ou tirânico, pais desamados ou severos demais, filhos

ingratos, filhas desobedientes, sogras intrometidas, rivais favorecidas, namorados caprichosos. São as que encomendam sermão: "Se a senhora escrevesse um artigo dizendo que isso-e-aquilo...", um recado claro, inequívoco e de forte impacto emocional, capaz de sensibilizar o destinatário e induzi-lo a mudar de comportamento. Eu seria o porta-voz de quem não se atreve a falar, a interposta pessoa que possibilita um diálogo impossível, enfim, a encarregada de amansar a fera.

E há casos, por desgraça bastante numerosos, de mulheres, que, aos poucos e imperceptivelmente, acabaram por cair numa armadilha tão compacta e intrincada que só mesmo um milagre as poderia resgatar. Por exemplo, mulheres já de certa idade, sem recursos econômicos e culturais, dependendo totalmente do companheiro para a subsistência própria e dos filhos, e suportando brutalidade, maus-tratos, humilhações, o exercício despótico do poder econômico e da autoridade marital. É uma situação frequente, sobretudo em nosso meio rural; muito fazendeiro só não marca a mulher com ferro em brasa porque não faz falta: ao contrário do gado, ela sabe a quem pertence e se mantém dócil dentro do cercado. Até o dia em que não aguenta mais e quer cair fora. E quando me escreve pedindo que eu lhe aponte um caminho, sinto-me eu também num beco sem saída: se não quero exortar à resignação (e não quero mesmo), qual é a alter-

nativa? Acenar com a possibilidade do milagre? São momentos amargos em que me surpreendo lamentando meu próprio ceticismo: crer seria bem mais cômodo.

### FÉ E IMPOTÊNCIA

Pois justamente a fé no milagre, a esperança no sobrenatural, o recurso às soluções mágicas são típicos da impotência: quem pode fazer, quem não pode reza suplicando que Alguém faça — seja qual for o nome dado a esse portentoso e quase sempre cego e surdo Alguém. E mulher, em nossa sociedade, tem muito que rezar, pois ela é a própria personificação da impotência: o último grau da escala, o cachorro do batalhão que aguenta o desabafo agressivo até do mais mísero e mais oprimido dos homens. A Lei, feita por eles, consagra seus privilégios de detentores do poder; pelas malhas da justiça não passa um feto abortado mas passam os Docca Street, os Michel Frank, os grande contraventores, os estelionatários elegantes.

Os homens (da classe dominante, naturalmente) têm nas mãos todos os fios que tecem a sujeição feminina: a economia que nos discrimina no mercado de trabalho e nos salários; a estatística que determina se e quando devemos trabalhar fora ou ficar em casa, parir ou evitar filhos; a ciência que define nossa "natureza" nos termos mais convenientes aos interesses deles: mulher é dócil, passiva, generosa, abnegada, só se realiza através da dedicação aos outros, tem a mais estreita afinidade fisiológica com a vassoura, o tanque, as

panelas, o esfregão. Fora desse modelo, ela não é feminina e pagará por tal "deficiência" um alto preço social e privado. Até da maternidade eles se apropriam: ficam com o pátrio poder e deixam para nós os cuidados cotidianos, a responsabilidade, as preocupações, a presença que obriga ao confinamento no lar. Donos também dos meios de comunicação e dos veículos de persuasão coletiva, eles criam e difundem a lavagem cerebral ideológica que justifica e até embeleza tudo isso. E se alguma mulher mostrar veleidades de rebeldia, enfiam-lhe um bebezinho nos braços e fim de papo. É de surpreender que elas clamem por milagres?

Mas a estas alturas, muitas mulheres já estão fazendo como Moisés com a montanha: se o milagre não lhes cai do céu, elas mesmas vão fabricá-lo. Nesse sentido, acho muito auspicioso que elas estejam rompendo a barreira de incomunicação que fazia de cada problema um caso único, que já não procurarem calar "pra manter a imagem" (a própria, a do parceiro, a das instituições), que não mais se sintam obrigadas a tolerar. Ainda que, por vezes, o tom seja um pouco infantil, quando uma mulher pergunta — a mim, a sua amiga, a qualquer outra mulher — "que é que eu faço?", está reconhecendo a possibilidade mesmo árdua e remota, de fazer algo. Na comunicação solidária entre mulheres e no assumir o próprio destino como um "fazer", reside o milagre: o milagre possível, o milagre *nosso*.

Fonte: Acervo do autor.

3 Fonte: <https://carmendasilva.com.br/site/php/content.php?id=13&idc=32>. Acesso em 05 out. 2021.

Na crônica “Abracadabra!”, publicada no jornal *Mulherio* em março-abril de 1981, Carmen da Silva escreve, de início, sobre a intensa troca com as mulheres que lhe enviam cartas, ávidas por uma publicação que as console, que resolva seus problemas relacionados ao patriarcalismo – ainda que inconscientemente –, que faça mágica para mudar a situação em que se encontram (por isso, o título da coluna, “Abracadabra!”). “O golpe da varinha de condão que faz o ruim virar bom”, desejado por essas mulheres, demonstra como o cenário social negligenciava suas vontades e reforçava, assim, sua submissão.

Talvez essa busca incessante pelas respostas de Carmen da Silva tenha a ver não só com a identificação das mulheres em relação à autora, mas também com a possibilidade de tornar palpáveis, por meio da palavra, suas angústias. O contato com alguém que *falava sobre* a condição feminina e expandia o olhar acerca disso, afinal, desfaz o enclausuramento, extingue o silenciamento e acrescenta novas visões a respeito de um determinado tema. Nesse sentido, “a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável” (Sarlo, 2007, p. 24-25).

Mais à frente no texto, ao abordar as difíceis situações de muitas mulheres – muitas delas só podendo ser resolvidas com um milagre, nas palavras da colunista –, Carmen da Silva traça um paralelo entre a mulher e um animal, criticando duramente o tratamento oferecido pelos maridos: “Muito fazendeiro só não marca a mulher com ferro em brasa porque não faz falta: ao contrário do gado, ela sabe a quem pertence e se mantém dócil dentro do cercado”. Nessa comparação, a humilhação da mulher fica evidente: ela é ainda mais submissa do que o gado para o fazendeiro.

Além disso, a jornalista manifesta indignação com o estereótipo atribuído ao feminino, moldado pelos homens que “têm nas mãos todos os fios que tecem a sujeição feminina”, a exemplo dos adjetivos “dócil, passiva, generosa, abnegada”. Nessa perspectiva, acrescenta que aquela que esteja fora desse modelo “pagará por tal ‘deficiência’ um alto preço social e privado”. Tal pagamento, que diz respeito a um extremo julgamento social, pode ser visto ao final do excelente poema de Leila Mícolis, intitulado “referencial”, que reproduzimos abaixo:

#### **referencial**

Solteira de aceso facho  
precisa logo de macho;  
se é nervosinha a casada  
só pode ser mal trepada;  
viúva cheia de enfado  
tem saudade do finado;  
puta metida a valente  
quer cafetão que a es quente.  
Mulher não vive sem homem.  
A prova mais certa disto  
é que até as castas freiras

são as esposas de Cristo.  
Tal regra é tão extremista  
que não contém exceção:  
quem sai dela é feminista,  
fria, velha ou sapatão...  
(Mícolis, 1984, p. 63)

Esse poema de Leila Mícolis trata daquilo que comenta Carmen da Silva: a característica feminina, ditada pelos homens, deve ser cegamente seguida pelas mulheres, constituindo a tal regra tão extremista a ponto de não ter exceção. Assim, quem não obedece a esse padrão é descreditada como mulher, sendo julgada como “feminista, fria, velha ou sapatão”, palavras que, como o próprio poema suscita, são – também estranhamente – consideradas negativas, ofensivas. A mulher feminista, questionadora, se distancia da submissão; a fria, do conceito de docilidade; a velha, da juventude altamente e comumente valorizada pelo homem; e a sapatão, por fim, da passividade e da generosidade, o que se explica pelo julgamento preconceituoso que a associa a aspectos masculinos.

Após discorrer sobre tantos absurdos enfrentados pelas mulheres, relacionados a esses julgamentos, Carmen da Silva pergunta: “É de surpreender que elas clamem por milagres?” De fato, a pergunta, mais retórica do que reflexiva, faz com que automaticamente pensemos em um “não” como resposta. Ao comentar que, naquela época, esses milagres já estavam sendo fabricados pelas próprias mulheres, que então deixavam de esperar por eles, a autora celebra um novo tempo, de maior autonomia, autoconhecimento e autocuidado, mesmo que tudo isso ainda precisasse de mais profundidade, de mais consciência. O caminho, ao menos, estava sendo traçado.

Prova disso é a dimensão de coletividade presente na expressão “milagre nosso”, que finaliza o texto. Carmen da Silva desperta a atenção para um novo movimento, reconhecido pelo rompimento da “barreira de comunicação que fazia de cada problema um caso único”. Ou seja, as mulheres, em vez de se fecharem em suas individualidades, sufocando a si mesmas, passavam a comunicar, a dividir, a divulgar o que as afligia. É isso que sustenta *ser mulher* em uma sociedade histórica e culturalmente dominada pelo masculino. A comunicação solidária entre mulheres, nas palavras de Carmen da Silva, é essencial para que exista o “milagre nosso”, isto é, para que assumamos o protagonismo de nossas vidas.

Desse modo, a soma das individualidades e a solidariedade comunicativa fortalece as mulheres como grupo social, sendo possível que cada uma contribua para endossar uma voz coletiva, que pode ser explicada, dentro de suas particularidades, por Beatriz Sarlo, ao comentar a potência da dimensão coletiva em contraste com a experiência individual:

Não se pode representar tudo que a experiência foi para o sujeito, pois se trata de uma “matéria prima” em que o sujeito-testemunha é menos

importante que os efeitos morais de seu discurso. Não é o sujeito que se restaura a si mesmo no testemunho do campo, mas é uma dimensão coletiva que, por oposição e imperativo moral, se desprende do que o testemunho transmite. (Sarlo, 2007, p. 36)

Pela diferença de temática (o trecho acima discorre sobre testemunhos do campo de concentração), importa-nos aqui aquilo que pode ser associado ao tema de nosso trabalho, considerando que a comunicação e a solidariedade entre mulheres, salientada por Carmen da Silva na coluna do jornal *Mulherio*, fazem com que os textos enviados para a revista causem “efeitos morais” e possibilitem a “dimensão coletiva” que não se restringe ao texto como produção individual, mas como representatividade para um vasto grupo social.

O relato de Carmen da Silva no jornal *Mulherio* sobre seu longo trabalho na revista *Claudia*, além de já fazer parte de um jornal preocupado com questões referentes à mulher, atesta que sua atuação na imprensa não se dissocia do engajamento com a causa feminista. Para ela, assumir-se feminista seria imprescindível não só para si mesma, mas também para as outras mulheres, fato que reconheceria e denunciaria a opressão de que sempre foram vítimas: “Já é hora de assumirmos aberta e francamente a definição: Eu sou feminista. Assim como são todas vocês que me escrevem, queixando-se de injustiças, discriminações, iniquidades, sejam elas de ordem geral ou referidas a tal ou qual situação específica” (Silva *apud* Duarte, 2005, p. 161).

## Considerações finais

Neste trabalho, analisou-se brevemente a atuação da mulher na imprensa brasileira, cujo espaço revelava-se ínfimo, tendo alcançado maior projeção – com muitas limitações – na década de 1960, mesmo momento em que Carmen da Silva inicia suas publicações na revista brasileira *Claudia*.

A partir de sua experiência de vida, de sua formação pessoal e profissional e de seus escritos, foi possível observar como a jornalista e escritora teve um papel fundamental na causa feminista, uma vez que, além de ocupar um espaço majoritariamente – na verdade, quase exclusivamente – restrito aos homens, não se intimidou em discutir temas importantes para a emancipação das mulheres. Dessa forma, suas publicações elucidavam diversas angústias femininas, rompiam com o estereótipo atribuído à mulher e encorajavam muitas a questionarem as limitações a que estavam submetidas.

Como salientamos, a consciência feminista de Carmen da Silva recebeu embasamento ao longo do tempo, com sua personalidade questionadora, bastante explicada pelo período político que vivenciou, e com a valorização da subjetividade das mulheres, inovando nas colunas dedicadas a elas – isto é, fugindo de um modelo que desconsiderava suas subjetividades. Assim, a jornalista se firmou como um importante nome do feminismo no Brasil.

Isso se comprova com a leitura do texto que selecionamos para analisar a escrita feminista de Carmen da Silva. Nele, a autora relata sua experiência na revista *Claudia* e critica veementemente a ótica patriarcal da sociedade, finalizando com uma visão esperançosa no que se refere à atitude das mulheres, que estavam tomando maior consciência e, por isso, conseguindo milagrosamente – porque travavam e travam ainda uma luta árdua contra o machismo – modificar ou ao menos questionar seus papéis sociais.

Dessa maneira, apesar de não ser conhecida como poderia ou deveria, Carmen da Silva, por toda sua contribuição profissional, representa uma importante voz do feminismo na imprensa, com uma atuação admirável na luta em favor das mulheres. Por isso, como disse a ex-presidenta Dilma Rousseff, “nossa geração deve muito a ela”.

## **CARMEN DA SILVA: JOURNALIST, WRITER AND FEMINIST**

**Abstract:** *With the purpose of briefly analyzing the production of Carmen Silva at the Brazilian press, this piece explores the professional acting of the referred journalist and writer, focused on the feminist feature of her texts. Accordingly, the studies of Sylvia Paixão were approached about women’s space in the Brazilian press news; of Ana Rita Fonteles, around Carmen Silva’s path; of Constância Lima Duarte, about publications in the women’s press; and of Beatriz Sarlo, about memory and subjectivity theme. Thus, it is highlighted the relevance of Carmen Silva as a feminist in the country’s scenario, by considering the correlation between her patriarchy critiques writings and the experience of keeping up with the authoritarianism of an Argentinian government.*

**Keywords:** *Literature; Journalism; Chronic; Feminism.*

## **Referências**

CARMEN DA SILVA. Site oficial. Disponível em <https://carmendasilva.com.br>. Acesso em 05 out. 2021.

CESAR, Ana Cristina. *Ana Cristina Cesar: crítica e tradução*. São Paulo: Instituto Moreira Sales; Ática, 1999.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. A escrita feminista de Carmen da Silva. *Caderno Espaço Feminino*, 2007, v. 17, n. 01, pp. 197-217. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/439/408>. Acesso em 06 out. 2021.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX – dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil. 1990. Disponível em: [https://static1.squarespace.com/static/5bcd01c69d414940eeb23b24/t/5c9cc6d9eb39315118a332f5/1553778397027/os+estudos+sobre+mulher+e+literatura+no+Brasil\\_uma+primeira+abordagem-artigo.pdf](https://static1.squarespace.com/static/5bcd01c69d414940eeb23b24/t/5c9cc6d9eb39315118a332f5/1553778397027/os+estudos+sobre+mulher+e+literatura+no+Brasil_uma+primeira+abordagem-artigo.pdf). Acesso em 16 mai. 2023.

LUSTOSA, Isabel. Ser ou não ser jornalista: o fim da era romântica. In: LUSTOSA, Isabel; OLIVIERI-GODET, Rita. (orgs.). *Imprensa, história e literatura: o jornalista escritor*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; 7 Letras, 2021.

PAIXÃO, Sylvia. Clarice Lispector e Marina Colasanti: mulheres no jornal. In: RESENDE, Beatriz (org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio; CCBB, 1995.

PEREZ, Glória & MÍCCOLIS, Leila. *Mercado de escravas*. S.l.: Achiamé/Trote, 1984.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. A crônica brasileira feminina no século XIX. Disponível em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278296877\\_ARQUIVO\\_TEXTOAPRESENTACAO.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278296877_ARQUIVO_TEXTOAPRESENTACAO.pdf). Acesso em: 20 set. 2021.

ROUSSEFF, Dilma. Declaração a Cynthia Greiner. *Revista Claudia*, fev. 2011. Disponível em <https://carmendasilva.com.br/site/php/index.php>. Acesso em 05 out. 2021.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA, Carmen da. Abracadabra!. *Jornal Mulherio*, 1981, ano 1, nº 0. Disponível em <https://carmendasilva.com.br/site/php/content.php?id=13&idc=32>. Acesso em 05 out. 2021.

TELLES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

Recebido em 20 de setembro de 2024  
Aprovado em 25 de novembro de 2024